

Keywords: Cooperative learning - creativity - teaching - playful space - pandemic.

Resumo: Entre os muitos desafios que o início da pandemia apresentou, um dos cenários de muitas incertezas e poucas respostas a nível do sistema foi a educação. No entanto, surgiram pretextos para construir alternativas possíveis para “levantar a voz” e agir. Desse panorama, surgiu a cocriação de um cenário criativo para compreender os inteiros por meio da proposta pedagógica denominada “Aproveitando o cotidiano”, com o propósito de contribuir com alunos do 7º ao 10º ano do ensino fundamental médio e médio de uma escola em Bogotá.

Palavras chave: Aprendizagem cooperativa - criatividade - ensino - espaço recreativo - pandemia.

(¹) **Montoya Carvajal, Andrea.** Magíster en Estudios Sociales y Licenciada en Diseño Tecnológico. Co-fundadora de Oka

Consultores S.A.S, investigadora del grupo Oka Investi-Creadora, línea Co-creación de contenidos multimedia y transmedia. Experiencia como docente, investigadora, editora de textos, asesora pedagógica y diseñadora de contenidos educativos con diferentes propósitos. Interesada en procesos de co-creación lúdica, diseño participativo e investigación social.

(¹) **Quijano Urrego, Stefanny.** Licenciada en Física de la universidad Pedagógica Nacional, docente de matemáticas del Colegio I.E.D Ciudad de Techo I, investigadora del grupo de investigación Oka Investi-creadora, línea Co-creación de contenidos multimedia y transmedia. Experiencia como docente de aula, gestora y educadora ambiental de estudiantes y docentes. Experiencia en diseño curricular, diseño pedagógico de contenidos educativos y diseño de material didáctico con diferentes propósitos.

Gênero, educação e trabalho: uma abordagem participativa e colaborativa

Fecha de recepción: julio 2022
Fecha de aceptación: septiembre 2022
Versión final: noviembre 2022

Renata Nasinhaka(¹), Ascísio dos Reis Pereira(²) y Márcia Eliana Leindcker da Paixão(³)

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo compartir la experiencia vivida en la disciplina “género, educación y trabajo” en el Programa de Posgrado en Educación Profesional y Tecnológica de la Universidad Federal de Santa María. La propuesta consistió en un enfoque colaborativo y el formato online permitió el aporte nacional e internacional de las mujeres, dentro de la perspectiva feminista de valorar el “lugar del discurso” (Djamila Ribeiro, 2019). Vincular estos tres temas permitió un espacio formativo, permeando las vivencias y memorias de todo el grupo, y abrió espacio para debates y profundización de temas que han sido silenciados e invisibilizados en nuestra sociedad.

Palabras clave: Aprendizaje colaborativo - educación - género - metodología - trabajo.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 86]

Introdução

A primeira pessoa vítima do COVID-19, no Brasil, retrata a realidade dura e desigual do país. A vítima era uma mulher, negra, trabalhadora doméstica, que contraiu o vírus após seus empregadores retornarem de uma viagem ao exterior e testarem positivo para o vírus. Outro caso emblemático, foi a morte do menino Miguel, morto em razão de inadvertência da patroa da mãe do menino. Filho de uma mulher negra da periferia, o menino acompanhou a mãe ao trabalho como doméstica no apartamento de uma mulher branca de classe alta. Sem creches públicas, em virtude da suspensão das atividades em tempos de pandemia, sem ter com quem deixar o filho e pela necessidade de continuar trabalhando para manter a subsistência da família, a mãe viu-se obrigada a levar o filho para o trabalho. Uma das atividades da trabalhadora doméstica era passear com os cães de sua empregadora, para isso, deixou o filho no apartamento aos cuidados da patroa. Nesse

interim, fatalmente, por um ato de descuido e descaso, o menino caiu do 9º andar do prédio de luxo, na cidade de Recife. A empregadora foi presa em flagrante por homicídio culposo e liberada após pagar a fiança de R\$ 20 mil reais, o caso ainda tramita na justiça, sem previsão para julgamento.

Os casos narrados demonstram como a pandemia ofereceu experiências muito diferentes entre a população, especialmente, entre as mulheres negras periféricas e as mulheres não negras de classe alta. O recorte de gênero, raça e classe, não pode ser ignorado nessa análise. Para a autora Angela Davis (2016) a mulher negra tem como origem de sua opressão e submissão o sistema escravista. Com a instauração do capitalismo industrial, todas as mulheres foram subjugadas por baixos salários e péssimas condições de trabalho. Porém, as mulheres negras sofreram uma dupla inferiorização, primeiro pela escravidão, e depois, pelo capitalismo. O resultado destes processos foi a negação de direitos básicos para

as mulheres negras, como exemplo, educação e direito ao voto, e o direcionamento para o trabalho doméstico exploratório. Nesse sentido, “aos olhos dos proprietários de escravos, ‘serviço doméstico’ devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão” (DAVIS, 2016:98).

Para Heleieth Saffioti (1987) a opressão e a submissão das mulheres ocorrem pelo movimento simbiótico entre patriarcado-racismo-capitalismo. Acreditamos que a colonialidade deve ser acrescida a essa base de sistemas opressivos, pois, conforme María Lugones (2020) a violência contra as mulheres e a desigualdade causada por profundas transformações sociais podem ser atribuídas à colonialidade de gênero. Para a autora, o “sistema moderno-colonial de gênero” (2020:54), causa uma cegueira epistemológica, responsável pelo apagamento de pessoas, grupos, povos e culturas. Ao considerarmos gênero como uma construção social do “ser masculino” e do “ser feminino”, precisamos considerar os atravessamentos do gênero, da raça, da classe e da geopolítica na construção de identidades. Nesse sentido, a mulher, negra, pobre e brasileira, é socialmente marginalizada, pois sua existência está marcada por todos os sistemas de opressão e submissão. Dessa forma, considerando que a pandemia pôs em evidência uma situação milenarmente desigual, que afeta a maior parte da população, é que se fez necessário uma discussão crítica e reflexiva que abordasse gênero, educação e trabalho no contexto pandêmico. Nesse sentido, a disciplina “Gênero, educação e trabalho” junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (PPGEPT/UFMS), foi proposta com o intuito de mediar experiências e vivências, dentro da perspectiva da metodologia feminista, com a intenção de que, apesar do afastamento social e das inseguranças impostas pela pandemia, pudesse ser discutido um tema belicoso e sensível. O cenário imposto pela pandemia levou a educação ao ensino remoto, e a utilização da plataforma *google meet* e possibilitou que a metodologia participativa e colaborativa fosse implementada. Dessa forma, mulheres de diferentes realidades, das Américas, Europa e África compartilharam suas pesquisas, estudos, realidades e saberes, preservando o lugar de fala (Djamila Ribeiro, 2019) de todas e todos envolvidos na disciplina.

Metodologia

A presente pesquisa consistiu em avaliar as experiências dos/das discentes que participaram da disciplina “Gênero, educação e trabalho”, proposta no 2º semestre de 2020. Integram a equipe de pesquisa o Prof. Dr. Ascísio dos Reis Pereira, a Prof.^a Dr.^a Márcia Eliane Lindcker da Paixão e a Ma. Renata Nasinhaka. Os dados foram coletados por meio de um questionário *online* com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de investigar como a disciplina foi percebida por discentes, considerando o formato participativo e colaborativo proposto pela disciplina. Esse formato integrou a participação de mulheres da América, da Europa e da África, de diferentes realidades e com formação acadêmica diversa, em prol da discussão crítica e reflexiva a respeito da temática. A participação

externa foi proposta pelo ensino remoto adotado pela maioria das instituições de ensino no Brasil.

Após a coleta dos dados, o material foi submetido à análise de conteúdo, proposto pela autora Lawrence Bardin (2016), que oferece uma análise controlada a partir de inferências qualitativas e quantitativas da enunciação de todas as pessoas que participaram voluntariamente do estudo. O questionário ficou disponível para os/as 12 discentes, regularmente matriculados na disciplina, pelo período de 30 dias, do dia 1º de junho até o dia 30 de junho de 2021, na plataforma de “formulários google”. Cabe ressaltar que o calendário letivo institucional sofreu alterações e prorrogações em razão da suspensão das atividades presenciais. A pesquisa foi divulgada através do grupo da disciplina criado no *WhatsApp*, e o *link* do questionário foi disponibilizado no grupo e, posteriormente, enviado por mensagem privada, via *WhatsApp*, para todos e todas que cursaram a disciplina.

Discussão e resultados

Apesar da divulgação, das solicitações e dos convites realizados pela equipe de pesquisa, de 12 discentes regularmente matriculados na disciplina, 10 participaram da pesquisa. Não foi possível atingir a totalidade de participantes, mas, mesmo assim, a equipe de pesquisa validou a amostra de 10 participantes para análise que se refere, não ao total, mas a maioria de estudantes que cursaram a disciplina.

Para a análise de conteúdo, consideramos, primeiramente, o gênero dos/das participantes e constatamos que a disciplina foi cursada por uma porcentagem 60% de mulheres e 40% de homens. Outra consideração relevante, é que a faixa etária da maioria, dos/das discentes é de 41 a 45 anos, o que representa 40% da amostra. Entre 36 e 40 anos e entre 46 e 50 anos, a porcentagem foi de 20% em ambas. A faixa etária com mais de 51 anos representou 10%, o que representa um público mais maduro composto por pessoas que desfrutaram de mais vivências e experiências. E, entre a faixa etária de 20 a 25 anos, apenas 10%, o que simboliza uma pessoa que acabou de sair da graduação e, em sequência, já ingressou em uma Pós-Graduação em nível de mestrado acadêmico. Mas, essa condição é considerada como uma exceção e não reflete a maioria da população que, após a graduação, buscam ingressar no mundo do trabalho e prorrogam a continuidade de sua formação.

Outro dado importante reflete a falta de estudo da temática em etapas anteriores da formação dos/das discentes: 90% referiram nunca ter estudado a respeito das temáticas de gênero e mulheres. Somente 60% revelaram interesse em continuar aprofundando o tema da disciplina e 40% referiram que talvez tivessem interesse. Isso foi interpretado pela equipe de pesquisa como uma condicionante, ou seja, a proposta de aprofundamento do tema precisa ser atraente, diferenciada e com uma metodologia que permita a participação de quem se sentir confortável para dividir suas experiências e vivências. Não sabemos se o gênero das pessoas que gostaria de aprofundar os estudos de gênero é referente às mulheres, aos homens ou a ambos, mas existe uma coincidência entre a porcentagem de mulheres que cursaram a disciplina (60%) e a porcentagem de pessoas que gostariam de aprofundar o

estudo da temática de gênero (60%). Esta análise abriu uma brecha para novas investigações e questionamentos no sentido de identificar quem são os/as discentes que gostariam de aprofundar o estudo do tema.

Quando perguntados sobre a metodologia participativa adotada na disciplina, que considera a atuação do/da discente como parte do processo educativo, todos e todas avaliaram de forma positiva. Alguns relataram opiniões que corroboram com a proposta metodológica, como exemplo, participante 8 referiu que a metodologia participativa “nos desloca de ouvintes e podemos expor nosso lado, nossa vivência” e participante 9 revelou que “todas as aulas foram interativas e construtivas. Deveria ser utilizado em mais disciplinas”.

A respeito da forma colaborativa, que contou com mulheres de diferentes áreas do conhecimento, formação, nacionalidade, etnia, raça e classe, e que, de acordo com a temática e o enfoque de cada aula colaboraram apresentando suas realidades, vivências e experiências. Os/as participantes referiram como necessária, considerando o tema, a metodologia e a proposta da disciplina, também referiram que essa abordagem permitiu perceber as mulheres nos diferentes espaços sociais.

Quando perguntados/as sobre as dificuldades pessoais que cada discente enfrentou ao participar da disciplina, a maioria referiu que não teve nenhuma dificuldade. Apenas, uma pessoa relatou que o maior desafio foi o desconhecimento de algumas realidades e o estranhamento com o tema por nunca ter estudado nada referente à temática que relaciona gênero, mulheres, educação e trabalho. Quando solicitado que os/as discentes relatassem como a disciplina contribuiu para a formação pessoal, profissional e acadêmica, a maioria das pessoas relatou que houve uma contribuição positiva em pelo menos uma das esferas de formação. Alguns relatos referendaram a intenção que a disciplina teve: participante 3 discorreu que a disciplina e a metodologia adotada “elevou meu senso crítico, meu olhar sobre questões que não são discutidas o tempo todo”. Participante 5 referiu que “pude aprender e tomar conhecimento de vários temas diferentes de minha realidade pessoal, profissional e acadêmica”.

Conclusão

No geral, a proposta da disciplina e a metodologia participativa e colaborativa adotada, geraram boas reflexões e atingiram o objetivo esperado: o de colaborar na formação humana integral, sensibilizando e socializando os saberes e as experiências. Isso é uma prática adotada pela metodologia feminista, que conforme a autora Ochy Curiel (2020), oferece um pensamento crítico fecundo para entendermos as relações históricas e políticas da constituição da vida social. Os atravessamentos dos temas e a interseccionalidade da análise das opressões possibilita questionarmos posições hegemônicas de dominação e poder.

Um questionamento que guia o pensamento da pedagogia feminista decolonial é “o que devemos fazer em relação a práticas políticas, metodologias e pedagogias, para não limitarmos a proposta decolonial à análise epistemológica” (2020:121). Esse questionamento é, ao mesmo tempo, um desafio contra o reducionismo e

uma provocação às análises centradas em perspectivas limitantes. Pois, além da visão epistemológica, gênero é uma categoria moderna que enfrenta todos os entrelaçamentos do sistema opressivo e submisso imposto pelo patriarcado, pelo racismo, pelo capitalismo e pela colonialidade.

Com a pesquisa realizada com os/as discentes após a disciplina de “Gênero, educação e trabalho” no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (PPGEPT/UFMS), pudemos perceber os silenciamentos que acompanham a temática, a invisibilidade de realidades vividas por mulheres e o apagamento das questões e das lutas de mulheres em busca de equidade e justiça social. Acreditamos que a experiência com a metodologia participativa e colaborativa contribuiu positivamente na formação dos/das discentes, e por essa razão, a disciplina será novamente ofertada no 2º semestre de 2021, para que novas provocações, debates e construções possam ser realizadas no campo acadêmico, colaborando com a alargamento teórico e motivando o exercício de práticas individuais e coletivas justas e cidadãs.

Referências

- Bardin, L. 2016. *Análise de Conteúdo*, Edições 70, São Paulo.
- Davis, A. 2016. *Mulheres, Raça e Classe*. Boitempo, São Paulo.
- Lugones, M. 2020. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. 2020. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 53-83.
- Curiel, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: Holanda, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. 2020. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 121-138.
- Ribeiro, D. 2017. *O que é lugar de fala?* Letramento, Belo Horizonte.
- Saffioti, H. 1987. *O poder do macho*. Moderna, São Paulo.

Abstract: This paper aims to share the experience in the course “gender, education, and work” in the Graduate Program in Professional and Technological Education at the Federal University of Santa Maria. The proposal consisted of a collaborative approach, and the online format allowed for national and international contributions from women, within the feminist perspective of valuing the “place of discourse” (Djamila Ribeiro, 2019). Linking these three topics allowed for a formative space, permeating the experiences and memories of the entire group, and opened up space for debates and deepening of topics that have been silenced and invisibilized in our society.

Keywords: Collaborative learning - education - gender - methodology - work.

Resumo: O objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência vivenciada na disciplina “gênero, educação e trabalho” do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria. A

proposta consistiu em uma abordagem colaborativa e o formato online permitiu a contribuição nacional e internacional das mulheres, dentro da perspectiva feminista de valorização do “lugar de discurso” (Djamila Ribeiro, 2019). A articulação desses três temas permitiu um espaço formativo, permeando as vivências e memórias de todo o grupo, e abriu espaço para debates e aprofundamento de temas que foram silenciados e invisibilizados em nossa sociedade.

Palavras chave: Aprendizagem colaborativa - educação - gênero - metodologia - trabalho.

(*) **Nasinhaka, Renata.** Bacharela em Direito (FADISMA). Licenciada e Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (UFSM).

(**) **dos Reis Pereira, Ascísio.** Licenciado em Filosofia (PUC - Campinas). Mestre em filosofia (PUC-Campinas). Doutor em Educação (UNICAMP). Estágio pós-doutoral no núcleo DECIDE (Democracia, Cidadania e Direito) na Universidade de Coimbra - Portugal. Professor associado e efetivo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

(***) **Leindcker da Paixão, Márcia Eliana.** Graduada em Pedagogia. Mestra em Ciências Sociais Aplicadas. Doutora em Educação, todos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Cuando la transformación educativa implica un cambio individual y sistémico. Hacia una tecnología de la gestión

Fecha de recepción: julio 2022

Fecha de aceptación: septiembre 2022

Versión final: noviembre 2022

Mariano Peltz^(*)

Resumen: La sociedad del conocimiento es mucho más compleja e impredecible que la sociedad industrial. Apartados de los saberes, prácticas y métodos tradicionales, hay que formar estudiantes coprotagonistas de aprendizajes y coproductores de propuestas de saberes transdisciplinarios y de los principios del trabajo aplicado para resolver problemas. Para que la transformación se haga efectiva se deben aunar propuestas institucionales, distritales y ministeriales que respondan tanto a las demandas sociales y culturales como así también al diseño e implementación de una formación integral. Para ello, resultará fundamental, siguiendo la línea de pensamiento de Fullan (2017), aplicar una metodología de aprendizaje profunda cuyo eje principal consista en reconocer a la pedagogía como la conductora, y a lo digital como el acelerador.

Palabras clave: Aprendizaje - escuela - sistema - tecnología - transformación cultural.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 93]

La formación docente del siglo XXI debe proveer de diferentes estrategias pedagógicas y didácticas que contribuyan a mejorar no sólo las prácticas de enseñanza y aprendizaje, sino también a reducir las brechas digitales, sociales, económicas, culturales y de género; y a formar ciudadanos críticos y responsables. Es prioridad mejorar las habilidades personales, académicas y profesionales para adaptarse a contextos y situaciones cada vez más complejas. En este contexto, las/os docentes enfrentan expectativas multiplicadas así como una sobrecarga de responsabilidades y reformas. En consecuencia, lo significativo es que planifiquen colaborativamente; que elaboren y compartan juntos a los colegas su saber-hacer, en vez de dar respuesta a las exigencias de cada uno individualmente (Fullan y Hargraves, 2000).

“La institución educativa es la unidad pedagógica del sistema responsable de los procesos de enseñanza y aprendizaje destinados al logro de los objetivos establecidos por esta ley. Para ello, favorece y articula la

participación de los distintos actores que constituyen la comunidad educativa: directivos, docentes, padres, madres, y/o tutoras/es, alumnas/os, ex alumnas/os, personal administrativo y auxiliar de la docencia, profesionales de los equipos de apoyo que garantizan el carácter integral de la educación, cooperadoras escolares y otras organizaciones vinculadas a la institución” (Ley de Educación Nacional, N° 26. 206; Art. 122).

Los asesores y el trabajo colaborativo o en parejas pedagógicas fomentarán una mayor responsabilidad en las propuestas educativas cotidianas y en la preparación de un/a docente referente, facilitador/a o guía de los procesos de autoaprendizaje. De este modo, una educación democrática y de calidad será aquella que se sustente en la gestión, la planificación cooperativa; en la creación de roles y funciones orientadas a un liderazgo que contribuya “al desarrollo de capitales sociales de los estudiantes valorizados por las escuelas”, promoviendo “culturas educativas en las familias” (Leithwood, 2009).